

# A LONGEVIDADE DOS PATRIARCAS NA BÍBLIA

Vicente Artuso\*

## **Resumo**

*O presente estudo faz uma abordagem literária e teológica das genealogias no livro do Gênesis com atenção na longevidade da vida dos patriarcas. Mostra que a vida longa deles depende da fidelidade a Deus e a diminuição gradativa das idades acontece por causa do mal no mundo. Cuidar da vida é missão de todo ser humano. Entretanto, a longevidade da vida do ser humano depende também das condições de vida do planeta, por isso há necessidade de cuidar da mãe natureza com todo ser que nela vive e respira.*

**Palavras-chave:** Longevidade. Genealogia. Bênção. Gênesis. Patriarcas.

## **Abstract**

*This study presents a literary and theological approach of the genealogies present in Genesis with special attention to longevity of the life of the patriarchs. It shows that their long lives are depended on the fidelity to God and the gradual decreasing in ages is due to the evil in the world. Life care is a mission of every human being. However, the human being longevity of life also depends on the conditions of life on the planet, hence there is necessity of saving the Mother Nature and every existence which lives and breathes on her.*

**Keywords:** Longevity. Genealogy. Blessing. Genesis. Patriarchs.

## **1. Introdução**

São frequentes as perguntas dos leitores ao se defrontar com as cifras enormes da idade dos patriarcas no livro do Gênesis. Terão vivido tantos anos? Em primeiro lugar deve-se considerar o gênero literário dos textos. O texto de Gn

\* Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico e Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor do mestrado e doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

1–11 é um “gênero didático de colorido sapiencial” ou “parábola histórica” em vista de transmitir uma mensagem teológica. Os estudos científicos mostram o quanto a vida nos primórdios da humanidade era breve e sofrida. Do exame de ossadas de 187 fósseis do homem de Neandertal (150.000 a 50.000 anos), somente 3 pessoas superaram os 50 anos, 13 morreram entre 40 e 50 anos, um terço morreu antes dos 20 anos e o restante morreu entre 20 e 40 anos<sup>1</sup>. Em 1955, a expectativa de vida no mundo era de 48 anos, em 1995 era de 65 anos. Em nossos dias, as condições de vida melhoraram muito. O americano vive quase 78 anos, o habitante da Singapura 81. No Brasil, a expectativa de vida em 2000 era de 70,5 anos. Em 2012 a média subiu para 74,6<sup>2</sup>. Atualmente a expectativa de vida chega aos 72 anos. A vida longa deixou de ser apenas um desejo expresso em centenas de culturas, para se tornar uma realidade planetária.

Diante disto, este estudo interpreta a idade avançada dos patriarcas na sua dimensão teológica como sinal dos tempos escatológicos, da vida plena em Deus. Assim, quanto mais as pessoas vivem no temor de Deus e na obediência aos mandamentos, mais de acordo estão com o projeto da vida. Por outro lado, conforme a iniquidade toma conta dos homens, a vida é abreviada e as idades diminuem gradativamente. A corrupção generalizada que precede o relato do dilúvio levou o Senhor a pronunciar a sentença: “A vida humana não passará dos cento e vinte anos” (Gn 6,3). Mais próximo da realidade é o que diz o Salmo 90,8-9: “A setenta anos vai a duração de nossa vida, os mais fortes chegam a oitenta”.

## 2. A longevidade no livro do Gênesis

Um dado curioso no livro do Gênesis é a longa vida dos homens. Não se fala da longa vida das matriarcas e das mulheres em geral. A perspectiva do autor é androcêntrica em um contexto cultural patriarcal, no qual o Pai era o chefe, o “cabeça” da família. Portanto, o homem era citado quase sempre em primeiro lugar e depois as mulheres e filhos.

Assim, a Bíblia fala de “casa paterna” que incluía mulheres, filhos, empregados. Porém, eram contados somente os homens. Eles geravam os filhos e as mulheres davam à luz. A longevidade dos patriarcas está ligada ao sistema genealógico e o símbolo dos números elevados. Não vamos explorar os complicados cálculos para explicar esses números elevados. Eles provavelmente têm outros sentidos que nós ignoramos. Por isso deve-se ter a cautela com tais cálculos. Mais importante será abordar a relação das genealogias com a longevidade dos patriar-

1. VALLOIS, 1937 apud ROLLA, A. L'umanità primitiva, il diluvio e la torre di Babele (Gn 4-11). In: FANULLI, A.; ROLLA, A. *Il messaggio della Salvezza: Pentateuco, storia deuteronomista e cronista*. Torino: Elle Di Ci, 1987, v. 3, p. 327-350.

2. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Resolução n. PR-13, de 29 de novembro de 2013. In: BRASIL. *Diário Oficial da União*, Brasília, n. 233, 2 dez. 2013, p. 64.

cas no seu significado teológico no contexto literário do Gênesis. A vida longa na harmonia familiar, no bem-estar, era sinal da bênção. Assim, os autores, ao falar do fim da vida, relatam que o patriarca repousou cheio de dias e acrescentam também o número de anos vividos. Nossa intenção será interpretar no contexto das genealogias em Gn 1–11 o sentido da vida longa, especialmente em Gn 5,1-32 e Gn 11,10-26. Estas mencionam as idades, o que as diferenciam de outras genealogias, como Gn 10,1-32, que não menciona os anos de vida.

### *2.1. Função das genealogias em Gn 5,1-32 e Gn 11,10-26*

Gn 5,1-32 e Gn 11,10-26 são genealogias pós-exílicas, compostas por autores sacerdotais. A função de Gn 5,1-32 é fazer a ligação entre a descendência de Adão até Noé para fazer a ponte com o relato do dilúvio. Gn 5,1 inicia apresentando a genealogia: “Esta é a descendência de Adão”. É clara a ligação de Gn 5,1-3 com Gn 1,27-28, pois o autor lembra que Deus criou o ser humano à semelhança de Deus e o abençoou. Nota-se que Adão em Gn 5,1 é nome comum, nome próprio. Porém Gn 5,2 indica a espécie humana, conforme o relato de Gn 1,27: “criou o ser humano à sua imagem, homem e mulher ele os criou”. Portanto, a imagem de Deus é refletida no rosto humano dos homens e mulheres. A bênção em Adão, desde o primeiro filho, passa as gerações e chega até Noé. E gerar um filho é também transmitir a imagem de Deus presente no ser humano (Gn 5,3).

Na genealogia de Gn 5,1-32 as idades não chegam a mil anos, mas ultrapassam os novecentos anos. Estes números exagerados são simbólicos. Na lista dos reis babilônios pré-diluvianos, a idade do reinado deles era bem mais exagerada que a idade dos patriarcas da Bíblia. O rei Alumim reinou 28.800 anos, Alalgar reinou 36.000 anos! Depois do dilúvio, conforme a narração dos babilônios, o tempo do reinado desses reis diminui com variações entre 1.500 e 400 anos. Tal diminuição ocorre também na Bíblia<sup>3</sup>.

Em Gn 5,1-32 há uma variação entre 900 e 700 anos de idade nesses patriarcas pré-diluvianos, enquanto que na genealogia após o dilúvio de Gn 11,10-36 a idade varia de 600 a 200 anos aproximadamente. Abraão irá viver 175 anos (Gn 25,7). O mencionado Sl 90,10 refere que a vida vai até os 70 anos, os mais fortes chegam aos 80. Isso pode significar que o encurtamento da vida ocorre pela presença do pecado e do mal. Em Gn 5,27 o homem mais velho, o famoso Matusalém, viveu 969 anos. Todos os patriarcas das eras bíblicas, com exceção da sétima geração de Henoc e da nona geração de Lamec, vivem em torno de 900 anos, menos que um dia divino, o qual corresponde a mil anos: “Um dia é como mil anos e mil anos como um dia” (Sl 90,4). O que conta é a fidelidade a Deus, que dá um sentido à vida e a torna abençoada através das gerações.

3. ARAÑA, A.I. *Para compreender o livro do Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 97-98.

Dos dez nomes dessa genealogia, um merece atenção especial: Henoc viveu 365 anos, exatamente o número dos dias de um ano completo. Ele teve vida plena porque andou com Deus (Gn 5,24) e foi arrebatado por Deus. Um ano é tempo de graça, “o ano da graça do Senhor” (Is 61,2) e o dia também é o tempo da graça. O dia do Senhor era esperado como “o dia da salvação”. Portanto, não se trata de tempo medido, mas de tempo vivido conforme o projeto de Deus. Esta bênção da vida é real, engloba não só a saúde e vida longa dos indivíduos, mas a família, o ambiente agradável, as condições de vida com a fartura dos bens de subsistência. A bênção inclui a família, a fertilidade da terra, a fertilidade do rebanho, o bom nome, os filhos sadios. Jó, por causa de sua fidelidade, recuperou os bens e os filhos e viveu mais 140 anos. Assim como os patriarcas, “morreu velho e cheio de dias” (Jó 42,17).

A segunda genealogia em Gn 11,10-26 relata a descendência de Sem, filho de Noé (Gn 11,10), até Taré, pai de Abrão, Nacor e Arã (Gn 11,26). Temos aqui a genealogia dos semitas, na qual as idades variam entre 600 e 200 anos. A idade dos descendentes de Abraão será de 200 a 100 anos. Abraão viveu 175 anos. Esta genealogia de Gn 11,10-26 visa ligar a humanidade dispersa em Babel com a descendência de Abraão. Nele, serão abençoadas todas as nações (Gn 12,1-3). A intenção do autor ao referir a genealogia de Abraão é apresentar um novo começo, com um povo renovado após a dispersão de Babel. Quando parecia tudo perdido, com a dispersão do exílio, os autores sacerdotais, ao retomar as genealogias, salvaguardam a identidade do povo herdeiro da bênção e da promessa, mesmo que parte desse povo tenha se misturado com outros povos. O povo exilado deve retomar sua história olhando agora para Abrão como o pai e para Sara como a mãe que lhes deu à luz (Is 51,2). Eles são chamados a começar nova vida e a prolongar a bênção. Abraão será chamado a ser uma bênção (Gn 12,2).

Portanto, as genealogias do autor sacerdotal, diferente de outras, acrescentam a idade em forma decrescente. Os anos de vida são indissociáveis da bênção e a descendência. O autor tem o cuidado de mencionar o nome do patriarca, a idade quando gerou o primeiro filho, os anos vividos depois do nascimento do primeiro filho, a geração de outros filhos e filhas, a totalidade de anos vividos e a morte (exemplos: Gn 5,6-8; 5,9-11; 5,12-14). É claro, a precedência do primogênito do sexo masculino, pois o homem deve herdar e ser o chefe do clã. Era o primogênito que normalmente recebia a bênção. A preocupação do patriarca com o casamento do primogênito é sabida em muitos textos. Casavam-se dentro do clã, para manter a família na terra. A terra era sinal da bênção, sinal de vida.

### **3. Significado teológico da vida e longevidade**

O leitor, de fato, fica impressionado com a longevidade dos patriarcas da Bíblia. Porém, estes relatos se caracterizam por um gênero literário próprio, oriental, em que o número é uma realidade poética e simbólica. Pouco sabemos da

forma como eram interpretadas essas cifras numéricas. Usavam-se cálculos às vezes complicados, mas, em geral, o objetivo era teológico, para transmitir uma mensagem religiosa.

Segundo Claus Westermann, a longevidade era explicada por causa da maior vitalidade dos povos nos tempos primitivos. Mas, no caso dos reis sumérios, tal explicação torna-se absurda em razão do alto número de anos que lhes era atribuída. Era, antes, uma forma mítica de expressar a transcendência da instituição do reinado<sup>4</sup>. Em Gn 1–11 a longevidade deve ser entendida no seu aspecto decrescente com objetivo teológico. Sendo o paraíso idealização da felicidade, à medida que os anos correm e o paraíso fica mais longe, a idade vai diminuindo. A vida do ser humano vai se tornando mais breve quanto mais se afasta do ideal, do projeto de Deus. Em geral, para os escritores sagrados, a idade de uma pessoa e a vida longa dependem de sua fidelidade a Deus. O livro do Êxodo, ao enumerar os mandamentos, aconselha: “Honra teu pai e tua mãe para que tenhas vida longa” (Ex 20,12). Portanto, nesse contexto de retribuição, longa vida com saúde significa bênção de Deus (Pr 10,27). Outro significado da idade elevada pode ser a representação do passado projetada no futuro. Assim vida longa é sinal dos tempos messiânicos, da realização do projeto de Deus, do qual todos participam. De fato, quando se fala da restauração religiosa dos tempos messiânicos, se lhes associa vida mais longa. O livro de Isaías afirma que, no período messiânico, morrer aos 100 anos será morrer jovem (Is 65,20). A conclusão é sempre a mesma: o simbolismo religioso dos números anuncia vida longa, como bênção e presença do Senhor Deus<sup>5</sup>.

#### 4. A vida dos outros seres viventes

A bênção dos patriarcas está ligada à promessa da terra e descendência. Portanto, a terra é a *oikomene*, a casa habitada de todo ser vivo, seja no mar, na superfície da terra ou no ar. Não somos donos da criação, mas cuidadores. Deus é o criador de tudo. As narrativas da criação destacam a dependência do ser humano de seu criador. Ele é dependente desse mundo, pois é tirado da terra, mas, é também colocado por Deus como responsável pela obra criada.

Diferente do relato sacerdotal, que tem o cenário enorme do céu, da terra, das águas como imagem do caos (Gn 1,1-2), o segundo relato da criação se inspira no cenário agrícola da terra seca, sem chuva (Gn 2,4b-7). A atenção se concentra sobre o ser humano e seu mundo como saiu das mãos do criador. Três imagens da ação criadora de Deus se destacam: oleiro que trabalha o barro (2,7), jardineiro que plantou um jardim (2,8), cirurgião que tirou do lado do homem a mulher

4. WESTERMANN, C. *Genesis 1-11: A Commentary*. Minneapolis: Augsburg, 1984, p. 354.

5. FRAINER, C. *A história de Deus em nossa história*. Caxias do Sul: EST, 1976, p. 66.

(2,21). Deus tira o homem do pó da terra. O termo *Adam* se origina de *adamah*, que é a terra vermelha, a primeira camada de terra, produtiva. A imagem revela o cuidado de Deus em “modelar” o ser humano, tirado da terra, a terra fértil que produz o alimento. No período neolítico (7.000 a.C.) sepultavam-se os mortos na posição do embrião humano: a mãe terra que dá vida, também acolhe de volta seus filhos! Este é o sentido das palavras de Jó no seu despojamento: “Nu saí do ventre de minha mãe (mãe biológica), nu para lá (a mãe terra) voltarei” (Jó 1,21). A morte é simplesmente uma volta à mãe terra: “Tu és pó e ao pó voltarás” (Gn 3,19). A vida está nas mãos de Deus, como o barro na mão do oleiro (cf. Is 29,15-16; Jr 18,1-7). O sopro de vida torna o homem participante do projeto de Deus, mistério tão grande que Santo Irineu de Lion, ao interpretar Gn 2,7, observa que o adjetivo “vivente” identifica a imagem de Deus: “a glória de Deus é o homem vivente” (*Adversus Aeresis*, IV, 20,7<sup>6</sup>). Diria melhor: “a glória de Deus é a vida de todo ser”. Com efeito, em Gn 1,20-21 o termo “*nefeš hayah*” (ser vivente, ou corpo vivente) é atributo de todos os animais e do ser humano. Assim também, tanto homem como animais foram modelados do solo (Gn 2,7.19). Portanto, têm uma relação vital. Gn 2,20 expressa a proximidade e sua importância para o ser humano: Deus conduziu os animais ao homem para que ele desse um nome para cada um. O autor observa, no entanto, que tudo aquilo que o homem designou tinha o nome de “*nefeš hayah*”, ser vivente (Gn 2,19). Aqui enfatiza a vida, dando destaque aos seres vivos entre todas as outras coisas criadas, que não têm espírito. Portanto, podem ser manipuladas com maior liberdade, enquanto que sobre os animais, mesmo que exerça sobre eles certo domínio (dar o nome), o ser humano deve lembrar-se que eles são seres viventes, “do Senhor é a terra e tudo o que nela existe” (Sl 24,1)<sup>7</sup>.

## 5. O ser humano e sua relação com outros seres vivos

Segundo Wolff<sup>8</sup> o termo *nefeš* tem significados variados (garganta, pescoço, alma, vida, anelos, pessoa, ser, pronome). Em Gn 2,7, significa “garganta” como órgão sempre necessitado de se saciar (cf. Ecl 6,7; Sl 107,5; Is 5,14). Portanto, o “ser vivente”, em geral, é a tradução do hebraico “*nefeš hayah*”, é o lado necessitado comum a todo ser vivo animal, que deseja saciar sua fome e sede. Nesse particular, há uma igualdade entre o ser humano e os animais. O respeito aos animais, às suas necessidades, são parte do projeto de Deus. Ele alimenta a todos com os frutos, as verduras e ervas do campo (Gn 1,20-30) e também abençoa

6. IRINEU apud SOUZA, J.N. O destino do homem no plano de Deus: uma análise da antropologia patrística sobre a “imagem e semelhança”. *Pistis & Praxis*. Curitiba, v. 1, n. 1, jan. 2009, p. 122.

7. ARTUSO, V. A relação entre Deus, os seres humanos e todo ser vivo. In: SANCHES, M. (org.). *Criação e evolução*. Diálogo entre teologia e biologia. São Paulo: Ave Maria, 2009, p. 86-87.

8. WOLFF, H.W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975, p. 23.

homens e animais para que cresçam (Gn 1,22; 1,28). A realidade futura messiânica vem descrita como a convivência pacífica entre ser humano e animais, com total ausência de violência (Is 35,9; 65,25; Mc 1,12-13). Esse ideal de paz e fraternidade parece refletido em Gn 1,29-30. Aí Deus dá como alimento, tanto ao homem como aos animais, somente vegetais, ervas e frutas. Nenhum animal precisa atacar o outro para saciar a fome, pois todos comem da mesma mesa, o mesmo alimento!

Após o dilúvio, a bênção de Deus inclui a permissão de comer carne de animais, mas sem sangue (Gn 9,3-4). Isso significa que o domínio dos homens sobre os animais tem limites. A tradução bem literal de Gn 9,4 seria: “não comereis a carne, na vida da qual (*benafšô*) está o seu sangue”. Sangue é vida, e a vida pertence a Deus. Não é lícito tirar a vida de ninguém através de ato violento. Além de revelar um aspecto cultural próprio do povo do Oriente, que não consome carne com sangue, o texto quer significar algo mais: é permitido comer carne, mas não extinguir a vida, as espécies dos seres que têm *nefeš*. Portanto, Deus coloca um limite na soberania do ser humano. Deve-se respeitar a vida para que a espécie se perpetue. Esse limite, que é o respeito à espécie, aparece na proibição “Não cozeirás o cabritinho no leite de sua mãe” (Dt 14,21; Ex 23,19). Trata-se da proibição de matar os cordeirinhos muito tenros, impedindo que cheguem à maturidade. O abate indiscriminado de animais, fora de sua época apropriada, coloca em risco a procriação, sinal da bênção divina (Gn 1,22).

## Conclusões

A vida pertence a Deus, tudo o que vive e respira vem dele. Deus dos vivos é o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. As genealogias ou gerações perpetuam a imagem de Deus. Como todo ser humano é criado à imagem e semelhança do criador, os filhos são imagens do Pai, assim como o Pai é imagem de Deus. Nisto está a dignidade da vida humana. O homem é criatura muito especial. Deus viu que tudo era bom ao criar o mundo, mas, ao criar o ser humano, viu que tudo era muito bom. Portanto, a vida é muito maior que as mazelas e sofrimentos. A vida é um bem que supera todos os bens materiais. O ideal de uma vida longa cheia de anos como aparece no Gênesis foi se distanciando com a proliferação da violência, da doença, da dor, da morte. Porém, a história mostra que a situação se transforma devido ao progresso e às melhores condições de vida. O respeito à vida dos homens e mulheres e à promoção de melhores condições é parte do projeto de Deus.

As genealogias do povo eleito também introduzem nomes estranhos à tradição bíblica. Esta multiplicidade de povos, sua expansão e crescimento estão de acordo com a ordem do autor sacerdotal: cresci, multiplicai-vos, enchei a terra (Gn 1,27-28). Crescer é recomeçar do nada, multiplicar-se é voltar a ser povo, possuir a terra é tomar posse da herança. Terra, bênção, família, descendência fazem parte da promessa patriarcal. A vida plena é vida abençoada. Quem é por-

tador da bênção gera vida. Abraão, abençoado, também recebeu a ordem de ser uma bênção.

Os longos anos são sinal dos tempos futuros a serem alcançados. É o ideal projetado no passado que impulsiona para o futuro. A imagem cheia de vida do paraíso é mais esperança na realização de um ideal do que saudade do passado. Quando a perspectiva de vida aumenta e melhora a qualidade de vida do povo, as promessas messiânicas começam a ser cumpridas. Portanto, vida longa, de dias completos, é sinal de realização de cumprimento do projeto de Deus. O livro do profeta Isaías, escrevendo a partir da situação de sofrimento e morte, reforça esta promessa de que não haverá mortalidade infantil, todos completarão os seus dias. Quem morrer aos cem anos vai morrer jovem. A paz nos será estabelecida, crianças e velhos poderão frequentar as praças tranquilamente. A imagem poética do lobo e o cordeiro comendo capim juntos e da criança de peito pondo a mão na cova da serpente, ilustra a paz sonhada, quando não haverá nem morte nem dor.

O ser humano não é isolado. Ele vive na sua relação com o ambiente (terra, água, ar) e os outros seres que nele vivem. Alteridade lhes é um atributo essencial do ser humano. O homem não é centro, e sim parte do ecossistema. A vida depende de uma trama de relações harmoniosas entre os humanos, os animais, os vegetais. Por isso a sonhada longevidade da vida humana, o melhoramento das condições de vida do nosso planeta depende de uma cultura da ética do cuidado. O desenvolvimento deve levar em conta o meio ambiente. Diante de Deus, o ser humano é filho, pois deve reconhecer a autoridade do criador, cuja voz também ressoa na sua consciência e na lei natural. Diante dos seus semelhantes é chamado a ser irmão, construindo a fraternidade e a paz. Diante do mundo, é chamado a ser administrador, cuidador. Assim a vida se prolonga sobre a terra, pois a glória de Deus resplandece em todo ser que vive e respira.

## **Bibliografia**

ARAÑA, A.I. *Para compreender o livro do Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003.

ARTUSO, V. A relação entre Deus, os seres humanos e todo ser vivo. In: SANCHES, M. (org.). *Criação e evolução*. Diálogo entre teologia e biologia. São Paulo: Ave Maria, 2009, p. 75-105.

FRAINER, C. *A história de Deus em nossa história*. Caxias do Sul: EST, 1976.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Resolução n. PR-13, de 29 de novembro de 2013. In: BRASIL. *Diário Oficial da União*. Brasília, n. 233, 2 dez. 2013, p. 64.

ROLLA, A. L'umanità primitiva, il diluvio e la torre di Babele (Gn 4–11). In: FANULLI, A.; ROLLA, A. *Il messaggio della Salvezza*: Pentateuco, storia deuteronomista e cronista. Torino: Elle Di Ci, 1987, v. 3, p. 327-350.



SOUZA, J.N. O destino do homem no plano de Deus: uma análise da antropologia patriística sobre a “imagem e semelhança”. *Pistis & Praxis*. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 119-145, jan. 2009.

WESTERMANN, C. *Genesis 1-11: A Commentary*. Minneapolis: Augsburg, 1984.

WOLFF, H.W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975.

*Vicente Artuso*

Rua Orlando Maimone, 85 – Vale Tucanos

86046-530 Londrina, PR

vicenteartuso@gmail.com